

## TRADUZINDO A NEGRITUDE: PERCURSOS, DESAFIOS E IMPASSES PARA OS ESTUDOS DE TRADUÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Maria Aparecida Andrade *SALGUEIRO*<sup>1</sup>

### Resumo:

O presente artigo apresenta aspectos de trabalho em curso sobre Literatura Afro-americana, Afro-Brasileira e Estudos de Tradução. Ao observar como a negritude – ou ‘o ser negro’ - se traduz em diferentes contextos e espaços geográficos, observa relações de poder, processos de construção identitária colonial e pós-colonial, o surgimento de cânones literários, hegemonia cultural e globalização, desmistificando espaços e mostrando a tradução como atividade que ocorre não em um espaço neutro, mas sim, em situações sociais e políticas concretas.

**Palavras-chave:** Tradução Intercultural; Poder; Afro-Brasil.

### Abstract:

The present article presents aspects of a work in progress about both African-American and Afro-Brazilian Literatures as well as Translation Studies. As it makes observations about how blackness has been translated in different contexts and geographical spaces, it calls the reader's attention to power relations, processes of colonial and post-colonial identity construction, the rising of literary canons, cultural hegemony and globalization, demystifying spaces and showing translation as an activity that does not take place in a neutral space, but, for sure, inside social and political concrete situations.

**Key-words:** Intercultural Translation; Power; Afro-Brazil.

Em nosso campo de pesquisa específico, temos nos dedicado há anos ao estudo dos processos migratórios e de exílio involuntário dos povos africanos e afro-descendentes nas Américas, mais especificamente nos Estados Unidos e no Brasil, pelos processos de escravidão gerados pelo Colonialismo na História do Ocidente. O Afro-Brasil tem sido um dos focos sobre os quais, nos últimos tempos, os rumos de pesquisa nos levaram a refletir com maior rigor e objetividade, analisando essa realidade e observando como vem sendo ‘traduzi-la’ para outros espaços geográficos. Como tem se manifestado as culturas afro-descendentes na Literatura no Brasil? Até que ponto foram abandonadas língua e culturas

---

<sup>1</sup> Professora Associada da UERJ; Pós-Doutora pela Universidade de Londres / Inglaterra (2008); Visiting Professor – Dartmouth College – EUA (desde 2011); Cientista do Nosso Estado-FAPERJ - Procientista UERJ/FAPERJ - Pesquisadora do CNPq.

das terras natais – os diferentes espaços de África de onde vieram os povos afro-descendentes para o Brasil na condição de escravos?

O enorme fluxo de informações nas sociedades contemporâneas tem deixado claros os inúmeros conflitos e situações de impacto estampados na mídia cotidiana, com a reorganização de tensões globais em microcosmos locais constantemente apontadas. Em tal contexto, contatos entre culturas tornam-se mais estreitos, distâncias são supostamente diminuídas, facilitando fluxos migratórios, impulsionados pelas novas redes virtuais de comunicação. Dentro das paisagens culturais do presente, marcadas por contradições e conflitos, faz-se urgente a presença incisiva das reflexões oriundas do campo das Humanidades e, em especial, a produção de novos saberes comparatistas para pensar questões que dêem conta da mediação de línguas e culturas colocadas em contato de formas tantas vezes imediatistas e, involuntárias, em conflito com poderes hegemônicos, gerando exílios também involuntários. Seria tudo tão simples assim, ou estaríamos diante de um dos pontos críticos da contemporaneidade, face aos quais se impõem métodos inovadores de abordagem teórica que traduzam adequadamente tais processos transculturais? Métodos que examinem as relações entre língua(s)/cultura(s) e poder ao longo das fronteiras culturais e revelem o papel vital da tradução na redefinição dos significados de cultura e identidade étnica?

Hoje, no caso das narrativas de origem afro – mais especificamente as afro-americanas e as afro-brasileiras - diferentes pontos de reflexão se apresentam, seja pela interseção, seja pelo distanciamento. A fim de enfrentar problemas levantados pelos Estudos de Tradução Intercultural, cabe sempre levar em conta uma perspectiva interdisciplinar. Não podemos falar de África e da diáspora africana, sem mencionar o papel decisivo que a tradução tem nesta realidade, seja pela visibilidade ou pela invisibilidade.

Citando o teórico Edwin Gentzler, da University of Massachusetts, Amherst, nos Estados Unidos, centro de referência na área de Estudos de Tradução, em obra de (2008), reafirmamos que a História da Tradução nas Américas, é na verdade a história da formação da identidade, tendo tido papel relevante no próprio desenho e formatação do continente - para sobreviver os que aqui chegavam eram obrigados a “aceitar” até certo ponto a língua/cultura do colonizador. E, prosseguimos: Como tem sido “traduzir” a experiência ‘afro-brasileira’ para o exterior? Como tem se dado essa mediação de culturas? Nesse sentido, nossa trajetória de pesquisa, de participação em Congressos, de palestras e condução de cursos de Literatura e Cultura Afro-Brasileira fora do Brasil nos últimos cinco anos – mais especificamente em países de língua inglesa - nos instigou a analisar como a negritude – ou ‘o ser negro’ - se traduz em diferentes contextos e espaços geográficos. A observação clara de que tais questões são bem mais amplas e profundas do que parecem leva-nos ao levantamento de novos pontos e a um interessante mapeamento relativo aos Estudos de Tradução, os Afro-descendentes e a construção de identidades em diferentes espaços geopolíticos, entre as quais: Como certos textos se tornam fundamentais para a compreensão cultural a partir das fronteiras lingüísticas? Qual o papel desenvolvido pela tradução nos processos de construção identitária colonial, pós-colonial e descolonial? Estamos conscientes do viés político de tais ações tradutórias? De que forma pode a grande área das Humanidades contribuir para o avanço de tais questões?

Perguntas como essas e tantas outras são apenas reflexos de uma área que cresce para além de fronteiras restritas há até bem pouco tempo. Tantas vezes vistos como parte única e inequívoca dos Estudos Lingüísticos, os Estudos de Tradução, em especial a partir

dos anos 1980, com nomes como os de Susan Bassnett e Lawrence Venuti passaram a ganhar fôlego no campo da Literatura, não apenas sob a ótica da conhecida “tradução literária”, mas sob um escopo bem maior que refletia o impulso trazido pelos Estudos Culturais, Pós-coloniais, descoloniais e de Gênero que, no campo da Literatura Comparada, em termos europeus, por exemplo, no final da segunda metade do século XX e início do século XXI, lançava seu olhar para outras culturas e literaturas que não as do continente.

Sempre desmistificando e chamando atenção para a forma equivocada com que pessoas leigas em tradução consideram o processo tradutório como uma tarefa simples e fácil, Bassnett sublinha que traduzir é um processo complexo, que envolve análise, escolhas e tomadas de decisões. No que diz respeito a textos carregados de aspectos históricos e culturais, aumentam os cuidados e a cautela diante das escolhas.

A referida mudança de foco nos Estudos de Tradução ficou clara e explícita com a publicação em 2005 de *The Translation Zone: A New Comparative Literature*, de Emily Apter, onde a proposta do rompimento de antigas barreiras é clara e a abertura de novos campos para a Literatura Comparada, objetivamente proposta. Partindo do ‘11 de setembro de 2001’ como um divisor de águas, demonstra que, então, a tradução passa a ser um instrumento de guerra e/ou paz, ressalta o papel do tradutor como mediador de culturas, as tensões entre tradução textual e cultural, o papel da tradução no desenho de um cânone literário global e a resistência à dominação anglófona.

Em várias obras traduzidas das literaturas de matriz africana para o Português do Brasil, pesquisadores apontam a tradução não como uma simples possível reprodução em outra língua de um texto original, mas sim como um processo que invariavelmente envolve atos deliberados de seleção, construção e – omissão. Sim, *OMISSÃO*, porque aquilo que não é traduzido em um contexto específico é sempre tão revelador quanto aquilo que é traduzido. Ou seja, silêncios e falhas em textos traduzidos – assim como a não tradução (ou, também chamada, tradução zero) de textos inteiros – são aspectos fundamentais e reveladores da política de tradução em contextos culturais específicos.

Também é interessante pensar como as omissões, introduções e notas de rodapé informais podem afetar a compreensão na língua alvo. Esses elementos são ferramentas que ajudam o leitor da tradução a se aproximar da experiência original? Ou são paliativos que o tradutor encontra como solução para obstáculos que ele ou ela encararam durante o processo tradutório? Quando abundantes, não chegam a atrapalhar o próprio processo de leitura? Não é possível negar que o uso desses artifícios é uma prática bem estabelecida quando falamos de traduções. Há tradutores que preferem inserir uma breve explicação na frase ou parágrafo, em vez de utilizar notas de rodapé; e há aqueles que preferem as notas de rodapé, de maneira a ficarem mais próximos do original. De uma maneira ou de outra, o que isso demonstra é a ativa participação do tradutor no processo de trazer o leitor da língua alvo para mais próximo da experiência que os leitores do original vivenciaram. De uma forma ou outra, o processo tradutório é algo inextricavelmente ligado a questões de dominação cultural, assertividade e resistência – em síntese, a questões de *PODER*.

Nesse sentido, é impossível não retomar o original posicionamento de Gentzler em 2008, ao mostrar que a tradução é um dos meios primários de construção de culturas em vários ambientes pós-coloniais. Gentzler defende que nas Américas trata-se menos de algo que ocorre entre culturas separadas e distintas, mas principalmente algo capaz de ser decisivo no estabelecimento dessas mesmas culturas. Trabalhando com uma variedade de textos e constantemente se referindo a grupos minoritários e oprimidos, sua obra reforça,

através de exemplos, o papel cultural que políticas de tradução podem desempenhar em um processo discriminatório, citando como algumas de suas conseqüências a marginalização social, a perda de identidade e o trauma psicológico. Nesse sentido, repensar o passado das Américas significa reavaliar padrões de uso lingüístico – e Gentzler, em sua conclusão reafirma a firme convicção de que a História da Tradução nas Américas é na verdade a História da formação da identidade – algo arraigado na psique de seus milhões de habitantes. Nesse aspecto, a escravidão enquanto atividade migratória forçada com fins de mercado visando ao lucro de terceiros se encaixa claramente nesse quadro teórico que joga luz sobre as reflexões acerca do processo tradutório em pesquisa no momento.

Ao demonstrar que as Américas são um terreno extremamente fértil – e ainda não explorado - para o campo dos Estudos de Tradução sob ótica contemporânea, Gentzler contribui, com construção reflexiva e teórica multidisciplinar, para os movimentos ora em curso que vem tornando visível e trabalhando no resgate da história multilingüística das Américas e trazendo a público a dura realidade por tanto tempo escondida dos relatos de conflito e supressão lingüística em todo o continente. Hoje há consciência crescente tanto quanto ao expressivo número de línguas nativas que foram reprimidas e dizimadas durante os processos de colonização, como quanto à sucessão de gerações de famílias de escravos vindos de África obrigados à força a abrir mão de suas línguas de origem, assim como ao número de imigrantes compelidos a falar suas línguas em segredo sob pena de punição severa em escolas ou locais de trabalho.

Avançando em nosso tema chegamos a outros questionamentos: Qual o papel da tradução no relato de conflitos em espaços de diferenças lingüísticas e culturais? Como se dá a ‘tradução intercultural’ entre metrópoles e diásporas, ou ainda, entre diásporas? Como tem sido encarado o papel do tradutor (e do intérprete) como agentes/intermediários/avalistas culturais em um mundo transnacional? Como se estabelecem as relações interculturais - e seus conseqüentes impactos políticos – aí considerada, claro, a necessidade de se traduzir *o velho e o novo*? De que forma se estabelecem as traduções literárias – desafiam e enfrentam a diferença cultural, ou, apenas a reforçam, e se tal, de que forma? Com quais estratégias os meios de comunicação transnacionais facilitam ou desencorajam a compreensão intercultural? Quais algumas das dimensões políticas e ideológicas da tradução? No mundo pós-11 de setembro de 2001, como tem se dado a tradução entre o Ocidente e o Oriente? De que forma pode a grande área das Humanidades contribuir para o avanço de tais questões? E, para finalizar este bloco de questionamentos: Como se colocam os Estudos Literários dentro desse panorama – aí incluídas as discussões sobre o cânone e as relações pós-coloniais, ou ainda, *pós-pós-coloniais*, como querem alguns críticos britânicos? Como se formatam, dentro de tal escopo, as relações transnacionais?

Seja como for, tais perguntas avançam na percepção de conclusões de questões relevantes, nos campos dos Estudos de Tradução e da Literatura Comparada, no que diz respeito à formatação da imagem do *OUTRO* em suas manifestações étnicas e de gênero. São inúmeros os caminhos que se abrem hoje para alunos, professores e pesquisadores da área de Letras, em especial para aqueles que, de uma forma ou outra, buscam interferência mais concreta na realidade através da Literatura. Considerando como Tymoczko a tradução como *resistência e ativismo*, fica a formulação clara que, a tradução de, por exemplo, textos contemporâneos relevantes tantas vezes feitos *invisíveis*, através do enfrentamento dos descobrimentos e utopias do mundo lusofônico, constitui um belo campo e fértil campo de trabalho.

A partir dessas premissas, passamos a citar no mundo da diáspora africana dois exemplos de transposições culturais pelos movimentos migratórios, no que diz respeito à Afro-América, nosso objeto de estudo junto com o Afro-Brasil. Em relação à primeira, no momento dos movimentos modernistas do início do século XX, mais particularmente por ocasião do movimento do *Harlem Renaissance*, assim como à época dos movimentos de descolonização, os tradutores foram fundamentais para a transferência e circulação de ideias da Negritude entre África, Europa e Estados Unidos, para a atividade mediadora entre o Ocidente e as línguas e as culturas africanas. Como exemplo, de formas múltiplas, no que diz respeito às populações afro-americanas, teve papel decisivo na incorporação de pensamentos dos intelectuais franceses nos Estados Unidos, a figura particularmente expressiva de Léon Gontran Damas, pensador sobre cuja importância intelectual e intercultural já tivemos oportunidade de palestrar aqui nesta sempre propositiva Universidade Federal da Paraíba.

Relativamente ao Afro-Brasil, no que tange às transposições culturais de diferentes ordens, cabe lembrar o impacto e imediata consequência cultural de vulto, do contato travado por Abdias do Nascimento com a tradução da peça *Emperor Jones* de Eugene O'Neill, em um teatro em Lima, Peru, em 1941. A constatação de que “o drama de Brutus Jones (personagem principal da peça) é o dilema, a dor, as chagas existenciais da pessoa de origem africana na sociedade racista das Américas” levaria Abdias a, em sua volta ao Brasil, fundar o TEN (Teatro Experimental do Negro), que teria papel fundamental em toda a discussão identitária negra no Brasil, em uma reflexão mais ampla que se desdobraria mais tarde inclusive em textos relacionados às ideias de Paul Gilroy e seu *Atlântico Negro*.

No caso específico em tela, o das traduções de obras de afro-descendentes no Brasil e nos Estados Unidos, à margem das questões que envolvem hegemonia, relações de poder e conseqüente exclusão, há outras questões fundamentais a serem colocadas: O que se entende por tradução? De que maneira ela formata a produção literária e a transposição cultural? Por que a tradução é ainda tão invisível no campo dos Estudos Culturais e Literários? De que forma a memória cultural oficial contribui para a formatação da tradução?

Partindo desses enfoques, buscando respostas que signifiquem avanço na investigação científica na área, está sempre nítido em nosso trabalho de pesquisa relativo aos povos afro-descendentes que este sempre aponta para a oscilação entre a cultura de herança africana e a imposta pelo Colonialismo. A revisão de literatura de teóricos francófonos do Pós-Colonialismo nos leva a inúmeros exemplos, tais como os pensadores francófonos Césaire, Senghor, Damas, que trabalham com tal oscilação e incentivam os negros a lançarem um novo olhar sobre sua herança africana. Nesse sentido, as diversas manifestações das populações afro-descendentes em diferentes locais do mundo têm mostrado a sua diferença e as suas origens em contextos primordialmente brancos, levando junto com outras pressões a que a questão da identidade nacional e da suposta centralidade cultural do Ocidente seja abertamente discutida.

Assim, apresentados elementos de contribuição à vertente cultural, retomemos novas perguntas de reforço ao presente artigo, no que diz respeito à tradução de obras da diáspora africana. Que relações de poder interferem na escolha de textos a serem traduzidos; como diferentes culturas constroem a imagem de escritores, textos e culturas a partir das traduções; qual o papel das traduções na construção dos cânones literários; como

certos textos se tornam fundamentais para a compreensão cultural a partir das fronteiras linguísticas.

Tal nos leva a pensar sobre o papel da tradução como estratégia primária da representação cultural no mundo globalizado de hoje, abordando, a partir daí questões como a imagem do outro através da tradução; a hegemonia cultural e a globalização; a tradução e a perda e / ou a emergência de cânones literários; a diversidade cultural e as ditas minorias.

Quanto à produção afro-brasileira, aos poucos, romances, contos e poemas vão sendo traduzidos para o inglês – deixando, no entanto, manifesta, na maioria dos casos, a ausência de pesquisa específica na área que possa dar conta de questões teóricas que necessariamente surgem e são visíveis ao longo do processo. Sendo assim, textos da Literatura Brasileira, colocados à margem do cânon, obras do conceito em construção – ‘Literatura Afro-Brasileira’, são submetidas a crivos específicos e questionadas por constituírem um poder inerente a segmentos da sociedade que não pode ser ignorado.

Na contemporaneidade, tais processos transculturais que não se deixam eliminar adquirem particular força quando alcançam diálogos com processos semelhantes em diferentes espaços geográficos através da sua re-expressão em novos códigos lingüísticos. É dentro desse enfoque que estudos sobre memória coletiva e trauma ganham espaço sob diversos modos de discussão. Como um dos marcos no Brasil, temos o romance *Quarto de despejo* (1960), de Carolina Maria de Jesus, escritora oriunda de segmento socialmente marginalizado. Dentro da ótica de SAID em *Cultura e Imperialismo*, de TYMOCZKO e GENTZLER, na obra de sua organização, *Translation and Power*, e ainda de BASSNETT e TRIVEDI, em sua obra *Post-Colonial Translation – Theory and Practice*, existem relevantes contribuições para a reflexão sobre esta literatura que surgem por parte daqueles que sempre foram oprimidos e que nos levam a desdobramentos sobre o caso brasileiro. Ao trazer dentro de si o passado – com cicatrizes doloridas de graves feridas – autores e autoras adquirem voz própria e através de estratégias renovadas partem para textos repaginados em que apresentam a representação transcultural em mostras específicas que começam a atuar em rede em uma sociedade dita global. Conceição Evaristo em *Ponciá Vicêncio* (já traduzido para o inglês em 2007) e *Becos da Memória* segue o caminho de Carolina, traduzida para múltiplas línguas desde a década de '70, porém, em rota própria.

A partir da dicotomia sempre apresentada entre culturas locais e globalizada, a análise das formas através das quais essas culturas se interligam diante de um mundo “sem fronteiras” e em um momento em que as identidades tornam-se cada vez mais fluidas e heterogêneas sempre apresenta pontos significativos para o debate dentro da área em estudo.

## QUESTÕES DE TRADUÇÃO INTERCULTURAL: TRADUZINDO A NEGRITUDE

Dando sequência à pesquisa em torno da Literatura Afro-americana, iniciada na abertura dos anos 90 e a partir de aspectos desenvolvidos e resultados obtidos em vários projetos de pesquisa subsequentes, temos nos dedicado nos últimos anos a estudar campo novo dentro dos Estudos Literários e de Tradução, baseando-nos na tradução de textos da Literatura Afro-americana para o Português do Brasil e do Português do Brasil para o

inglês. Ao propor análise sistêmica de como a negritude – ou ‘o ser negro’ - se traduz em diferentes contextos e espaços geográficos, temos fundamentalmente observado aspectos de formação cultural, relações de poder, processos de construção identitária colonial e pós-colonial, o surgimento de cânones literários, hegemonia cultural e globalização, desmistificando espaços e mostrando a tradução como atividade que ocorre não em um espaço neutro, mas sim, em situações sociais e políticas concretas.

Desta forma tem sido claro que processos tradutórios como os citados não se dão de forma simples. Ao contrário, na medida em que ocorrem em espaços geopolíticos bastante diversos, onde os públicos fonte e alvo/receptor possuem imaginários culturais bastante diversos do que é ‘ser negro’, o que torna a tradução de textos literários algo com obstáculos bastante específicos a serem vencidos, seja por meio de uma boa preparação prévia do tradutor, seja por meio de uma consistente e objetiva introdução no volume que venha a ser publicado com a tradução e que guie o leitor em aspectos fundamentais da obra traduzida.

Além das dificuldades citadas, existem ainda no campo da cultura, os desafios linguísticos, onde tantas vezes também se fazem sentir as marcas do racismo. Em um país com quase 51% de sua população auto-declarada parda (43,1% - 82 milhões de pessoas) ou negra (7,6% - 15 milhões de pessoas), segundo o censo de 2010, não são claras, no entanto, as marcas da africanidade no Português do Brasil, tal como apresentado em Gramáticas canônicas nos dias de hoje. Em termos de estudos linguísticos, vai-se, aqui também, aos poucos, apenas a partir do final do século XX, iniciando tais estudos, sendo fundamental neste ponto citar o trabalho orgânico de pesquisa do Professor da Universidade Federal da Bahia, Dante Lucchesi, e a obra que o tem como Organizador principal, *O Português Afro-Brasileiro*.

Para o tradutor de textos afro-descendentes com foco nas questões até aqui levantadas neste texto, cabe lembrar outro importante pesquisador da área, o Professor Marcos Bagno, da Universidade de Brasília, de quem aqui citamos elucidativo texto:

“De fato, quando comparamos a situação dos negros escravos no Brasil e, por exemplo, nos Estados Unidos, as diferenças ficam bastante claras. Nos Estados Unidos, a profunda e duradoura segregação racial, que permaneceu amparada pela legislação até a década de 1960, e a virtual inexistência de miscigenação — decorrente, entre outras coisas, da criminalização das relações interraciais por leis que vigoraram também até 1967 —, fez surgir uma língua característica dos guetos urbanos das grandes cidades americanas, língua que já foi denominada BEV (*Black English Vernacular*), atualmente designada na literatura sociolinguística como AAVE (*Afro-American Vernacular English*), e que foi batizada de *Ebonics* (derivado de *ebony*, ‘ébano’) por intelectuais negros na década de 1970.

Ao contrário dos Estados Unidos, não se pode dizer que no Brasil exista um “português dos negros”: o que existe é uma polarização, decorrente da profunda discriminação social que tem caracterizado a nossa sociedade, entre a língua dos segmentos mais pobres — a maioria da nossa população, composta de brancos e, mais essencialmente, de não-brancos — e a língua dos segmentos mais ricos — essencialmente brancos. As variedades linguísticas mais estigmatizadas em nossa sociedade são faladas por negros, índios, mestiços e brancos com menor acesso à escolarização, ao trabalho e à renda. Embora, no plano social, o Brasil seja um país impregnado de racismo, no plano linguístico as diferenças que separam as variedades urbanas privilegiadas das demais,

estigmatizadas, são de ordem socioeconômica: a gramática dos negros pobres e dos brancos pobres é a mesma.” (BAGNO: 2013)

A citação de Bagno também é bastante esclarecedora para a compreensão de escolhas realizadas em traduções que se distanciam completamente do original tal como o caso da tradução da obra prima da escritora afro-americana Zora Neale Hurston (1891 - 1960), *Their eyes were watching God*. Em *Zora Neale Hurston And Their Eyes Were Watching God: The Construction of an African-American Female Identity and the Translation Turn in Brazilian Portuguese*, de Rodrigo Alva e de minha autoria, enquanto sua Orientadora de Mestrado, exploramos a tradução para o português do Brasil do romance escrito em 1937. A obra é considerada um clássico da literatura negra e uma das melhores obras de ficção do período, embora Hurston não tenha sido reconhecida em sua época. É um tributo à auto-afirmação e à feminilidade negra e a sua busca por identidade, um processo observado através do discurso.

Em nossa obra, após analisar detalhes da tradução do romance de Hurston, intitulada em português *Seus Olhos viam Deus*, trabalhamos sobre uma tabela experimental de critérios para realizar a análise da mesma, que levaria em consideração muitos dos pontos que já mencionamos aqui mais objetivamente. Em outras palavras: a autora do original, Zora Neale Hurston, possuía como uma de suas características peculiares o hábito de transcrever os diálogos em suas obras como uma representação da tradição afro-americana oral. Escritora, antropóloga, folclorista, discípula de Franz Boas, Hurston era brilhante. No romance, procurava reproduzir as falas exatamente da forma que os personagens as enunciavam. Como exemplo, citamos o primeiro diálogo da obra, onde lê-se: “What dat ole forty year ole ‘oman doin’ wid her hair swingin’ down her back lak some young gal?” (HURSTON: 1999, p.2), ao invés de, “What is that old forty year old woman doing with her hair swinging down her back like some young girl?”

O que para alguns poderia ser visto como uma aparente caracterização simplista, na verdade, encerrava questões extremamente densas, tais como poder, cultura e origem étnica. Trata-se de uma forma de discurso oral utilizada pelos afro-americanos e possui suas origens no passado da escravidão e na opressão sofrida por seus ancestrais. A língua se fortaleceu como uma maneira de caracterizar um grupo étnico, tanto pelo opressor branco como pela comunidade afro-americana. Para o primeiro, era uma maneira de impor seu poder dominador, visto que o “dialeto” não seguia o inglês padrão, o que aparentemente o tornaria menos “importante”. Para o segundo, era uma maneira de reforçar mais uma característica étnica, de valorizar sua cultura e, ao mesmo tempo, subverter o poder dominante branco.

Um ponto importante na discussão em nossa obra foi o quão satisfatoriamente esta transposição da oralidade, que é tão representativa dos afro-americanos em inglês, foi caracterizada no português do Brasil. Sim, porque não se pode esquecer que a língua falada pelos negros no Brasil varia de região para região, de estado para estado. Assim, a ideia foi tentar entender que elementos e conceitos foram levados em consideração para a tomada de decisões sobre como reproduzir os diálogos originais, as escolhas que o tradutor fez e o que ele considerou importante para que a oralidade na língua traduzida pudesse também representar um segmento equivalente ao texto original.

Na verdade, voltamos a ponto já mencionado aqui por nós: para nossa frustração, observamos que a opção do tradutor foi transcrever os diálogos pujantes do inglês em uma variedade do português das classes menos favorecidas, sem nenhuma nota ao leitor, nenhuma explanação sobre a Autora, sua obra ou sua trajetória ativista. Ou seja,

prevaleceram as visões de raça do tradutor, que seriam estendidas a seus leitores, assim como, perdeu-se toda a perspectiva literária original da obra prima de Zora Neale Hurston. Através dessa tradução, o trânsito da negritude no espaço geopolítico Estados Unidos – Brasil, a visão da obra transmitida aos leitores brasileiros se deu de forma absolutamente equivocada, pouco acrescentando ao leitor brasileiro comum sobre a riqueza cultural inerente ao trabalho literário em tela. Como afirmam André Lefevere e Susan Bassnett (1990, p. 9-10), a literatura comumente alcança o público geral através de imagens construídas pelas suas traduções ou, ainda, por antologias, que fazem recortes e seleções, e textos críticos, que apresentam leituras dos textos literários. Dessa maneira, o que causa maior impacto em membros de uma cultura é a “imagem” de um texto literário, e não a sua “realidade”, ou o texto tido como sacrossanto por estudiosos de literatura.

À guisa de mais um exemplo dos desafios de se traduzir a negritude e da discussão teórica sobre tais aspectos, cabe citar também a obra de Lauro Maia Amorim, *Translation, Blackness, and The (In)Visible – Harryette Mullen’s Poetry in Brazilian Portuguese*. A afro-americana Harryette Mullen é poeta, contista e dona de amplo conhecimento literário. Nascida em 1953, é atualmente Professora Associada de Literatura Afro-americana, Poesia e Criação Literária no *Department of English* da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Em sua obra, inova e se debate em regozijo com as palavras, criando textos de múltiplos significados e trabalhando tópicos tais como a globalização, o consumismo, a cultura de massas e a política de identidades, o que resulta em obra de difícil decodificação para estadunidenses e de maior dificuldade e desafio ainda para um tradutor que queira transpô-la para uma língua estrangeira.

Em seu esforço - diante da consciência clara das diversidades e tensões a enfrentar - para traduzir poemas de Mullen para um público brasileiro, Amorim traz à tona pressupostos rotineiros, silenciosos, porém, divergentes, em relação ao imaginário de estadunidenses e brasileiros acerca dos afro-descendentes. Na verdade, traz à tona problemas intrigantes relativos à relação entre a Literatura e a negritude através de diferentes culturas. Conflitos específicos, implicações variadas e potencialidades daí decorrentes dão margem a desafiadoras questões estéticas para o trabalho do pesquisador.

No resultado final de seu trabalho de tradução, Amorim demonstra quão racialmente carregadas são várias expressões brasileiras e, mais ainda, quão diversa é a construção da negritude nos Estados Unidos e no Brasil. À medida em que Mullen procura em sua poesia caminhar para um *locus* que vai além de dimensões unívocas e estáticas de raça, a leitura de brasileiros trará sempre à tona sua própria visão de raça, deixando claros os princípios do já tão estudado ‘mito da democracia racial’.

É nesse fulcro que os Estudos de Tradução têm sido reconhecidos como parte e, ao mesmo tempo, instrumento da Literatura Comparada, na medida em que a tradução não só permite a compreensão das variáveis reconstruções do ‘Outro’ através de línguas e culturas, como também nos dá as condições necessárias para se visualizar como a própria tradução pode apresentar novas possibilidades de interpretação que podem afetar a forma através da qual leitores da cultura alvo avaliam não apenas uma obra específica de literatura estrangeira, mas, em última instância a sua própria literatura também. Questões consideradas invisíveis que, a partir da tradução, tornam-se explícita e escancaradamente visíveis.

Ou, nas palavras do autor:

“As such, the (in)visible “shop window” of translation makes possible reflections on the inside (“blackness in Brazil”, for example) as well as on the outside (“blackness in

the United States”) in such ways that blackness exists on both sides of the pane of glass: it is at the same time both *one* and, unexpectedly, the *other*.” (AMORIM, 2010, p. 147).<sup>2</sup>

Em se tratando do assunto em tela, também é interessante pensar como as omissões, introduções e notas de rodapé informais podem afetar a compreensão na língua alvo. Esses elementos são ferramentas que ajudam o leitor da tradução a se aproximar da experiência original? Ou são paliativos que o tradutor encontra como solução para obstáculos que ele ou ela encararam durante o processo tradutório? Não é possível negar que o uso desses artifícios é uma prática bem estabelecida quando falamos de traduções. Há tradutores que preferem inserir uma breve explicação na frase ou parágrafo, em vez de utilizar notas de rodapé; e há aqueles que preferem as notas de rodapé, de maneira a ficarem mais próximos do original. De uma maneira ou de outra, o que isso demonstra é a ativa participação do tradutor no processo de trazer o leitor da língua alvo para mais próximo da experiência que os leitores do original vivenciaram.

Fatos como esses e outros que atentam sempre para as relações ‘tradução e poder’ estão presentes no já citado *Translation, Resistance, Activism*, organizado pela pesquisadora Maria Tymoczko, também professora da University of Massachusetts, Amherst. Foi ela junto com Edwin Gentzler – os dois principais expoentes daquela instituição - a Organizadora da obra de referência *Translation and Power*, no ano de 2002, obra em que seus ensaístas claramente afirmavam não considerar a tradução como uma atividade que ocorre em um espaço neutro, mas sim, em situações sociais e políticas concretas, tendo como artífices, partes com interesses claros tanto na produção como na recepção dos textos para além de fronteiras lingüísticas e culturais, colocando definitivamente a questão do ‘poder’ nas discussões desta ordem nos Estudos de Tradução.

Traduzir, com todas as tensões envolvidas, é hoje atividade vista de forma absolutamente diversa do que há alguns anos atrás. Os conflitos globais, as reflexões teóricas que forçosamente foram ocorrendo fizeram dessa reescrita algo potente e possante no mundo contemporâneo. No que tange aos textos afro-descendentes, inseridos em toda a dinâmica dessa discussão nos dias de hoje não poderia ser diferente.

“A Tradução é fruto, mas também alimenta, renova e dá sobrevida ao texto traduzido. Textos que vão se sobrepondo e formando um grande mosaico, no qual cada peça complementa uma outra.” (BLUME e PETERLE: 2013, p.8).

A tradução de textos afro-descendentes segue apresentando grandes desafios para os tradutores que dela se ocupam. Porém, com as reflexões do presente, muitos caminhos se abrem. E, com elas, os grandes mosaicos africanos, as cores vivas, seguem aguardando novas e relevantes peças. Que novos tradutores se apresentem, sempre dispostos à reflexão e constante atualização crítica na prática tradutória, e prontos para o enfrentamento competente dos inúmeros desafios que se colocam na área trabalhada neste artigo.

---

<sup>2</sup> “Como tal, a (in)visível “vitrine” da tradução torna possíveis a tanto reflexos de dentro (“a negritude no Brasil”, por exemplo) como de fora (“a negritude nos Estados Unidos”), de tal forma que a negritude existe nos dois lados do vidro: ela é ao mesmo tempo tanto *um*, quanto, inesperadamente, *o outro*.” (tradução nossa).

## REFERÊNCIAS

- ALVA, Rodrigo e SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Zora Neale Hurston And Their Eyes Were Watching God: The Construction of an African-American Female Identity and the Translation Turn in Brazilian Portuguese*. Lexington, KY: LAP – Lambert Academic Publishing, 2010.
- AMORIM, Lauro Maia. *Translation, Blackness, and The (In)Visible – Harryette Mullen’s Poetry in Brazilian Portuguese*. Lexington, KY: LAP – Lambert Academic Publishing, 2010.
- APTER, E. *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton University Press, 2005.
- BASSNETT, Susan and TRIVEDI, H. (Ed.) *Post-Colonial Translation – Theory and Practice*. London: Routledge, 2003.
- BASSNETT, Susan & LEFEVERE, André. Introduction: Proust’s grandmother and the Thousand and One Nights: the “cultural turn” in Translation Studies. In: \_\_\_\_\_ (Eds.). *Translation, History and Culture*. London: Pinter Publishers, 1990. p. 1-13.
- BLUME, Rosvitha Friesen e PETERLE, Patricia. Algumas Reflexões Introdutórias. In: \_\_\_\_\_ (Orgs.). *Tradução e Relações de Poder*. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Ponciá Vicêncio*. Traduzido por Paloma Martinez-Cruz. Austin: Host Publications, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza edições, 2006.
- GENTZLER, Edwin. *Translation and Identity in the Americas – New Directions in Translation Theory*. London: Routledge, 2008.
- GILROY, Paul. *The Black Atlantic – Modernity and Double Consciousness*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- HURSTON, Zora Neale. *Their Eyes Were Watching God*. New York: Harper Perennial, 1999.
- JESUS, Carolina Maria. *Quarto de Despejo – Diário de uma Favelada*. São Paulo: Ática, 1997.
- LUCCHESI, Dante, BAXTER, Alan, RIBEIRO, Ilza (Orgs.). *O Português Afro-Brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.
- NASCIMENTO, Abdias do. “Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões”. *Estudos Avançados / Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Avançados*, 18, 50: 209- 224. São Paulo, 2004. p. 209.
- O’NEILL, Eugene. *Emperor Jones*. London: Penguin Books, 1969.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. New York: Vintage Books, 1994.

TYMOCZKO, M. (Ed.) *Translation, Resistance, Activism*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2010.

TYMOCZKO, M. & GENTZLER, E. (Eds.) *Translation and Power*. Amherst: University of Massachusetts Press, 2002.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. New York: Routledge, 1995.

### **Referências webgráficas**

BAGNO, Marcos. “Genocídio, migração forçada e contato na formação do português brasileiro.” Marcos Bagno, <http://marcosbagno.files.wordpress.com/2013/09/hamburgo-2013.pdf>, 08/11/2013.

“Censo 2010 mostra as características da população brasileira.” Portal Brasil. <http://www.brasil.gov.br/educacao/2012/07/censo-2010-mostra-as-diferencas-entre-caracteristicas-gerais-da-populacao-brasileira>, 06/11/2013.

RECEBIDO EM 02-05-2015  
APROVADO EM 23-05-2015